

Ramiro Guerreiro: Revisitando os "Verdes Anos"

Ramiro Guerreiro: Remembering "Verdes Anos"

TERESA PALMA RODRIGUES*

Artigo completo submetido a 26 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro de 2014

*Portugal, artista visual. Licenciatura em Artes Plásticas — Pintura da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL), Mestrado em Pintura (FBAUL).

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa; Faculdade de Belas-Artes; Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA). Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: teresapr@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende analisar algumas das obras da exposição "Verdes Anos" de Ramiro Guerreiro, à luz de detalhes de cariz geográfico e urbanístico que são abordados no filme homónimo de Paulo Rocha, realizado em 1963, estabelecendo um diálogo entre ambos. Pretende-se com este artigo, cruzar disciplinas como a Arquitetura, Artes Plásticas e Cinema, usando sobretudo a obra "três entalados" de Ramiro Guerreiro como referência.

Palavras chave: arquitetura / artes plásticas / cinema / Ramiro Guerreiro / urbanismo.

Abstract: This article analyzes some of the works in Ramiro Guerreiro's exhibition "Verdes Anos", considering geographical and urban details that are covered in the homonymous film by Paulo Rocha (1963), establishing a dialogue between them. The purpose of this article is to cross disciplines such as Architecture, Fine Arts and Cinema, using the work of Ramiro Guerreiro, "três entalados", as reference.

Keywords: architecture / cinema / fine arts / Ramiro Guerreiro / urbanism.

Introdução

Outubro de 2009. Sala do Cinzeiro 8, Museu da Eletricidade, Lisboa. Título da exposição: "Verdes Anos". Do seu autor, Ramiro Guerreiro, sabia tanto quanto se pode saber de alguém com quem se passou parte da adolescência. Entre o mito e a verdade que a memória vai compondo, mais do que fielmente registando.

A este título não poderia deixar de associar essa mesma adolescência, bem como o filme homónimo, um dos ícones do Novo Cinema Português, que Paulo Rocha realizou em 1963.

Após a interrupção dos seus estudos em arquitetura no Porto, Ramiro Guerreiro (Lisboa, 1978) ingressou na MAUMAS. Recebeu uma menção honrosa no *Prémio EDP Novos Artistas* e foi um dos vencedores da 1ª edição do *BES revelação* (em 2005), fortalecendo a sua opção — de resto, tão antiga como a sua paixão pela arquitetura — pelas artes visuais, a *performance*, o desenho, entre outras formas de expressão que tem levado a cabo, como autor, coautor ou em colaboração com outros artistas (sejam eles artistas visuais, atores, bailarinos, músicos, coreógrafos ou outros criadores).

Já depois de “Verdes Anos”, realizou várias exposições coletivas e individuais (das quais se destaca “Resto”, em 2011, no Pavilhão Branco do Museu da Cidade) e diversas residências artísticas em instituições nacionais e internacionais.

Nesta exposição de 2009, de carácter transversal dada a diversidade de meios utilizados (desde a instalação, *performance*, fotografia ou desenho), Ramiro Guerreiro refletiu sobre a arquitetura modernista; sobre a operação de urbanização e expansão da cidade de Lisboa nos anos 50 e 60 — abordada tanto no filme de Paulo Rocha, como na tese de Ana Tostões (“Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50”, de 1997); mas mais especificamente sobre os “entalados” (elementos decorativos característicos de alguns dos exemplos da arquitetura realizada nessa época).

Pretende-se com este artigo, estabelecer um diálogo entre os “entalados” a que Ramiro Guerreiro deu enfoque e a personagem principal do filme de Paulo Rocha em “Os Verdes Anos”, focando aspetos que a geografia e o urbanismo levantam e que se prendem com as questões do *lugar*, *desterritorialização/reterritorialização* ou *sentimento de pertença*, tendo por base a ideia de como Lisboa evoluiu, social, cultural e geograficamente, usando as obras de Ramiro Guerreiro como ponto de partida para pensar no modo como a cidade projetada pode condicionar as ações do indivíduos.

1. Cidade, Mocidade e Motricidade

Segundo João Bénard da Costa, “Os Verdes Anos” foi o filme que melhor deu a ver Lisboa e Portugal como espaços de frustração, claustrofóbicos e sem saídas (1991).

Na sua exposição, Ramiro Guerreiro quis explorar uma certa ingenuidade “suspensa entre o *fazer como antigamente*, ou à portuguesa, e uma prática nova, internacionalista, com a qual a cidade tinha muito pouca relação até esse



Figura 1 · Ramiro Guerreiro, *Arquitecto (Roma)* da obra três entalados, 2009. Vitrine em faia contendo três serigrafias (provas únicas), 220 x 120 cm. Placa em acrílico gravado, 40 x 50 cm. Vista da exposição “Verdes Anos”, 2009 (Guerreiro, 2009a).

momento”, como me confessou recentemente. E os “entalados” (Figuras 1 e 2) eram o espelho dessa ingenuidade e, ao mesmo tempo, dessa claustrofobia (de que falava Bénard da Costa), dessa adaptação por vezes pouco confortável a novas regras e novas escalas.

Os exemplos de “entalados” provenientes da inépcia dos escultores, na frescura e mocidade do seu labor ainda não amadurecido pela experiência, despertaram “o humor do tempo” (Pinharanda, 2009) entre arquitetos e historiadores de arte.

Executados maioritariamente por artistas recém-saídos das Belas-Artes, os “entalados” constituíam-se na forma de baixos-relevos, pinturas murais, painéis de azulejos ou mosaicos, cujos temas eram de carácter simbólico, mitológico, animalista ou abstrato. Tais elementos davam resposta a uma imposição do regime que obrigava à integração de uma obra de arte na fachada dos edifícios que atingissem um determinado valor de construção.

Esse carácter autoritário, tanto do Estado Novo, como da própria arquitetura modernista, são questões que sempre inquietaram Ramiro Guerreiro, como o demonstrou o seu projeto “Entalados”, de 2005 (Figura 1).

Aqui, o seu corpo ilustra um catálogo de posições precárias e desconfortáveis: agachado, contorcido, enrolado, de cabeça para baixo [...] Todas são posições mais ou menos violentas, [...] a mesma violência com que inúmeros escultores encaixaram figuras em alto-relevo em espaços às vezes exíguos por cima de portas de entrada de prédios, principalmente durante o Estado Novo (figuras que se conhecem justamente como “Entalados”); violência que a arquitectura, embora noutro grau, sempre promove, com a sua regulação de espaço e a sua imposição de normas quanto ao habitar, conviver, trabalhar (e a arquitectura modernista assenta num programa particularmente autoritário) (Nicolau, 2005).

A arquitetura dominadora do espaço, procedente de resoluções urbanísticas baseadas em decisões políticas, ou de mera funcionalidade, mais do que baseadas nas verdadeiras necessidades do indivíduos, é pedra de toque na sua reflexão acerca do poder que os projetistas assumem, ao regular e predefinir a experiência física do “cidadão/urbanita” perante o espaço físico construído. Ramiro Guerreiro mostra um outro lado da arquitetura e urbanismo, que não o do lugar de abrigo, proteção ou ordem, mas aquilo que estes podem ter de claustrofóbico, opressivo ou desnorteante. O que lhe interessa é uma espécie de avesso dos edifícios e da via pública e o modo como é experienciada e apropriada, investigando se existe um agenciamento passivo dos espaços previamente programados ou um agenciamento crítico dos mesmos por parte do indivíduo.

O modernismo transformou a circulação humana e suas funções, isolando os indivíduos em classes e tipologias, programando e controlando as suas vidas, as suas ações e atividades (Debord, 1992).

Desafiar instituições de poder, provocar através do insólito e do absurdo caricaturado, é a razão de algumas das *performances* e ações em espaço público que o artista tem realizado, como é o caso das suas desempoeiradas aparições como *pessoa-pano-do-pó* (Figura 2).

Na verdade, os projectos de Ramiro Guerreiro são dominados por um constante anti-autoritarismo, não só porque denunciam a capacidade de determinada fabricação de espaços para a formatação, para a repressão da individualidade e da interacção social, mas ainda porque o fazem expondo-o a ele mesmo ao ridículo e ao falhanço (Nicolau, 2005)

Ao desafiar o próprio corpo e a sua motricidade, usando a rua e o edificado como que em negativo, ocupando espaços que não se espera que o corpo ocupe, o artista questiona se o cidadão encontra o seu lugar na cidade, através de uma cidadania ativa, ou se esta lhe é um lugar hostil.

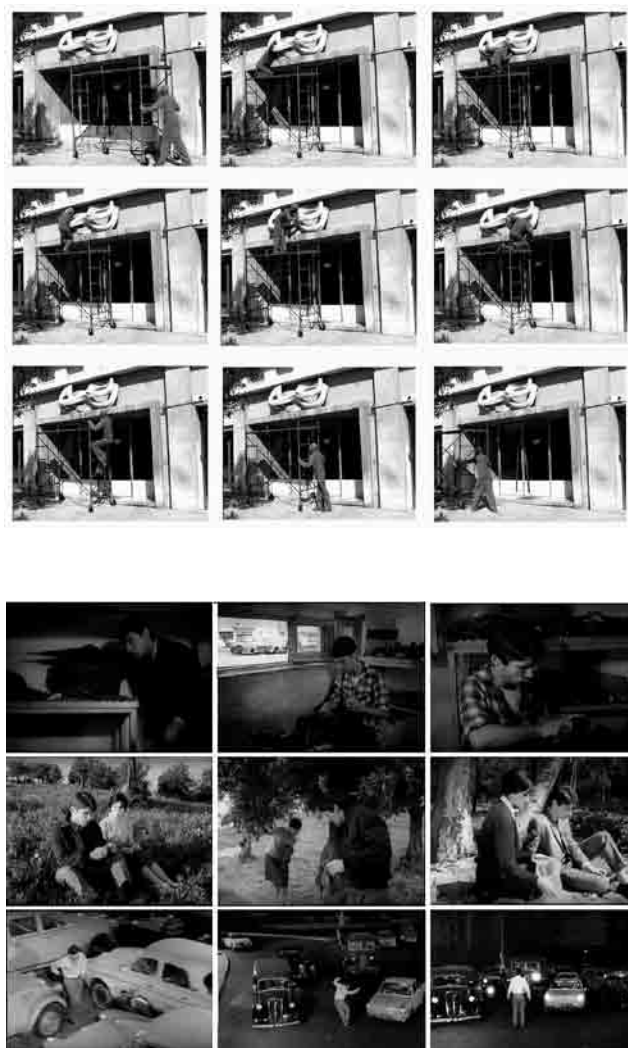


Figura 2 · Imagens do vídeo *pessoa-pano-do-pó*, av. Marconi, de 2009 (Guerreiro, 2009b).

Figura 3 · Imagens do filme "Os Verdes Anos" de Paulo Rocha (1963).

Curiosa é a forma como todas essas ideias dialogam com o filme “Os Verdes Anos”, na maneira como os “três entalados” se podem relacionar com a personagem “Júlio” de uma forma metafórica.

2. Júlio, ou o “entalado”

A perda de inocência; a passagem para a idade adulta; o amor e o verde ciúme; a ansiedade, a pressa da emancipação; a opressão que a grande cidade e o espaço urbano puderam causar a alguém vindo do campo; a angústia pelo eminente desaparecimento de áreas “rurais” envolventes; a fragmentação, compartimentação e desmultiplicação do tempo e do espaço modernista; o sangue; ou as novas artérias de Lisboa. De tudo isso falava o filme de Paulo Rocha que viu na personagem de “Júlio” a possibilidade de diálogo com um momento específico de expansão urbana da cidade de Lisboa.

Pleno de juventude e de desejo de encontrar lugar, não só no coração de “Ilda”, como também na grande cidade e de aí se “encaixar”, a personagem de “Júlio” evidenciava a dificuldade de adaptação à cidade: a sua vontade de se sentir finalmente em casa, a impossibilidade de alcançar um *sentimento de pertença* a um novo território onde se encontrava espartilhado, “entalado” que estava nesse *lugar* opressivo que é a urbe moderna, onde tempo e espaço simultaneamente se expandem e reduzem.

Na época, a metamorfose das áreas não-urbanizadas e a construção dos novos bairros levavam os residentes a viver numa cidade paredes-meias com o campo, dando aos que vinham da província uma “melancólica nostalgia pelo que haviam deixado para trás” (Silva, 2007: 129).

De Gröer defendia a definição de uma cintura verde, uma reserva de ar puro a que chamava “zona rural de proteção”.

Algumas das quintas em ruínas em Chelas, zonas rurais ainda intocadas pelo progresso, onde “Júlio” e “Ilda” passeavam, persistem estranhamente até aos nossos dias. Dizia Étienne De Gröer no seu Plano de Expansão Urbana da Cidade de Lisboa (1938):

Entre estas localidades suburbanas, há grandes espaços agrícolas que é preciso conservar para que o desenvolvimento urbano das ditas localidades não abafe o núcleo central e para que haja sempre entre elas faixas rurais, para bem arejá-las (De Gröer apud Camarinhas & Brito, 2007: 185)

Para “Júlio”, nenhum local parecia ser confortável: nem a oficina onde trabalhava como sapateiro (uma cave sombria que o atarracava e enclausurava);



Figura 4 · Ramiro Guerreiro, *Paisagem (Passos Manuel)*
da obra três entalados, 2009 (Guerreiro, 2009b).

nem totalmente os passeios domingueiros ao ar livre nas encostas das antigas quintas de Chelas (atual Parque da Bela Vista), ou os espaços verdes junto à Reitoria e Estádio Universitário, embora esses espaços funcionassem como “bolsas de ar”, onde a personagem tentava reencontrar-se com o *lugar* ao qual sentia pertencer.

Desconforto maior é aquele que se sente no fim do filme, quando já toldado por uma cidade tirana e complexa, que o refreava a ponto de o enlouquecer, correu para o meio do cruzamento da Av. dos EUA e a Av. de Roma, com as mãos sujas de sangue, e aí permaneceu encarcerado pelo trânsito, sem saber para onde fugir, depois de uma verdadeira descida em espiral.

Os três momentos das serigrafias na vitrina museológica (Figura 1) que Ramiro Guerreiro concebeu para a sua exposição, acompanhada de uma placa preta a dizer: “Vitrina para Três Esculturas. Arquiteto (Roma). Paisagem (Passos Manuel). Abstração (Marconi)”, bem podiam ser imagens-metáfora das três sequências expressas na Figura 3, momentos significativos do processo *desterritorialização/reterritorialização* (Deleuze e Guattari apud Haesbaert e Bruce, 2002) deste rapaz provinciano que acabou por ser corrompido pela cidade.

“Arquiteto” (Figura 1) seria o jovem na oficina, cuja pequena janela da cave dava para a Av. de Roma. “Paisagem” (Figura 4) (com bosque, fauna variada e uma mulher), podia ser imagem dos passeios com “Ilda”. “Abstração” (visível na Figura 3) seria a imagem da sua metamorfose, do seu contorcido processo de desconstrução e destruição.

Conclusão

A oposição em relação às forças dominantes e repressoras das liberdades é assim muito evidente no trabalho de Ramiro Guerreiro (não fosse ele filho de um “capitão de Abril”). Na exposição “Verdes Anos”, o artista questiona e reflete sobre o processo de adaptação à cidade moderna, sobre uma “esfera pública” complexa e hostil, sobre os territórios nos quais os indivíduos tentam (ou não) encaixar-se e assumir-se como agentes ativos, apropriando-se (ou não) dos espaços para eles arquitetados.

Paulo Rocha retratou o processo de *desterritorialização/reterritorialização* de uma personagem à procura de um território que fosse material e simbolicamente o seu espaço, com o qual criasse um vínculo e onde pudesse integrar-se, reencontrando a sua identidade. Mas o cineasta também representou a sua própria geração, a do “Vá-Vá”, que presenciava o augúrio dos novos projetos de desenvolvimento urbano da cidade. Deste modo, o processo de *desterritorialização*, que num sentido figurado poderíamos caracterizar como “desencaixe”,

surgia como uma rotura com os vínculos aos territórios geográficos e simbólicos, pessoais ou colectivos. O filme espelha a tentativa de “reencaixe”, de *reterritorialização*; isto é, de adaptação às novas condições e ao novo território.

Mas esse processo nem sempre é pacífico, pode causar angústia, sensação de opressão e incompatibilidade, sentimento de “não-pertença”, ou de encaixe forçado num espaço, tal como nos expressam os “entalados” que Ramiro Guerreiro ensaia e observa.

É possível que nada desta correlação tão direta com o filme lhe passasse pela cabeça na altura, nem mesmo quando no filme o tio de “Júlio” (assentador de painéis de azulejos decorativos nas fachadas dos novos conjuntos habitacionais) transitava entre edifícios da Av. dos EUA em construção, projetados pelo arquiteto Manuel Laginha (tio de Ramiro Guerreiro). Passa-se na minha, ao voltar a analisar aquilo que vi e senti aquando visitei a exposição em 2009. O modo como tudo estranhamente fazia sentido...

Referências

- Bénard da Costa, João (1991) *Histórias do Cinema*. Sínteses da Cultura Portuguesa, Europália 91, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Debord, Guy (1992) *La Société du Spectacle*. Paris: Gallimard. ISBN: 978-2-07-039443-2
- Camarinhas, C. L. T. F; Brito, Vasco (2007) “Elementos para o estudo do Plano Diretor de Urbanização de Lisboa (1938)”. *Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa*, 9, pp. 163-189.
- Guerreiro, Ramiro (2009a) *Arquiteto (Roma)* da obra *três entalados*, vista de exposição. Fotografia.
- Guerreiro, Ramiro (2009b) *Paisagem (Passos Manuel)* da obra *três entalados*. Fotografia.
- Guerreiro, Ramiro (2009c) *Pessoa-pano-do-pó, av. Marconi*. Video PAL, cor, estéreo, loop. *Video stills*.
- Haesbaert, Rogério, Bruce, Glauco (2002) “A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari”. *GEOgraphia*, v.4, n.7, setembro. [Consult. 2014-01-25]
- Disponível em <URL: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/74> >
- Nicolau, Ricardo (2005) “Ramiro Guerreiro”. *BES revelação 2005*, Banco Espírito Santo, Porto: Fundação de Serralves [Consult. 2014-01-25] Disponível em <URL: <http://tl-didntread.blogspot.pt/2010/12/ramiro-guerreiro-um-dos-nossos-medos.html>
- Pinharanda, João (2009) *Verdes Anos*. Sala do Cinzeiro 8, Museu da Eletricidade, Lisboa: Fundação EDP.
- Rocha, Paulo (1963) *Os Verdes Anos*. [Consult. 2014-01-25] Filme. Disponível em <URL: http://www.youtube.com/watch?v=HOO8OqSB_uc
- Silva, Duarte (2007) *Estórias da Arquitetura Portuguesa. Uma Reflexão em Torno de Imagens que a Arquitetura Constrói, o Cinema Fixa e o Povo Ordena*. Prova Final de Licenciatura em Arquitetura, orientada pelo Arq. Jorge Figueira Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.